



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO



EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Atas do II Seminário Internacional



CATOLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO



EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Atas do II Seminário Internacional

Porto . 2017

© 2017 Universidade Católica Portuguesa . Porto
Faculdade de Educação e Psicologia
Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano

Título: Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano: Atas do II Seminário Internacional . **Organizadores:** Joaquim Machado (coord.), Cristina Palmeirão, Ilídia Cabral, Isabel Baptista, Joaquim Azevedo, José Matias Alves, Maria do Céu Roldão . **Autores:** Adriana de Lima Penteadó, Afonso José Ganho Pereira de Athayde, Aldenor Batista da Silva Junior, Amâncio Carvalho, Amélia de Jesus Marchão, Ana Vigário, Angelina Sanches, António Andrade, Armando Loureiro, Carla Alexandra do Espírito Santo Guerreiro, Carla Baptista, Carla Sofia Oliveira, Carolina Mendes, Célia Beatriz Piatti, Cláudia Aleixo Alves, Cleonice Halfeld Solano, Conceição Martins, Cristiane Mesquita Gomes, Cristina Palmeirão, Cynthia Matínez-Garrido, Daniela Gonçalves, Danilma de Medeiros Silva, Dante Henrique Moura, Darliane Silva do Amaral, Elisabete Corcetti, Elsa Morgado, Elza Mesquita, Erlando Silva Rêses, Eulália Tadeu, Felipe André Angst, Fernando Rebola, Filomena Lume, Francisco Guimarães, Geisa Portelinha Coelho, Germano Borges, Hélder Henriques, Henrique Luís Gomes de Araújo, Ilda Freire Ribeiro, Ilídia Cabral, Íris Daniela Bidarra, Isabel Lage, Jane do Carmo Machado, Joana Leite, Joaquim Azevedo, Joaquim Escola, Joaquim Machado, Joaquim Sousa, Joelci Mora Silva, José Matias Alves, Laura Rocha, Laurinda Leite, Lenilda damasceno Perpétuo, Leonor Lima Torres, Levi Silva, Leyani Ailin Chávez Noya de Oliveira, Luísa Orvalho, Luiz Caldeira Brant de Tolentino-Neto, Manuel Luís Castanheira, Manuel Monteiro, Manuel Peniche Bertão, Marco António Oliva Monje, Marco Cruzeiro, Margarida Maria da Gama oliveira, Maria das Dores Saraiva de Loreto, Maria do Céu Roldão, Maria Filomena Gonçalves Ferreira, Maria Gerlandia de Oliveira Aquino, Maria Isolete Sousa, Maria Ivone Gaspar, Maria Lúcia Massano, Maria Teresa Mateus Pires, Marina Pinto, Mário Cardoso, Mary Rangel, Micheli Bordoli Amestoy, Milena Pimenta de Souza, Paula Marisa Fortunato vaz, Paula Pinto, Paulo de Carvalho, Renata Leite, Rubia Fonseca, Rui Lourenço-Gil, Rui Neves, Samuel Helena Tumbula, Sandra Mónica Dias Almeida, Sefisa Bezerra, Sérgio Olim Gomes de Mendonça, Sílvia Amorim, Sirley Marques da Silva, Sofia Bergano, Sónia da Cunha Urt, Sónia Mirela de Sousa, Soraya Vital, Sueli Mamede Lobo Ferreira, Susana Gastal, Susana Henriques, Teresa Melo Gomes; Rosa Serradas Duarte, Victor Muirequetule, Vincenzo Schirripa, Vitor Barrigão Gonçalves, Wilson ProfirioNicaquela, Zulmira Moreira Ramos **Design e Paginação:** LabGraf . **Colaboração:** Cristina Crava, Francisco Martins . **Editor:** Faculdade de Educação e Psicologia – Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Universidade Católica Portuguesa – Porto . **Local e data:** Porto, 2017 . **ISBN:** 978-989-99486-8-6 .

APRESENTAÇÃO	9
ÁREA TEMÁTICA	
PROJETOS LOCAIS E DESENVOLVIMENTO SOCIOCOMUNITARIO	
<hr/>	
A ARTICULAÇÃO DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO PARA A EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES NO MUNICÍPIO DE LUZIÂNIA-GO	13
Sueli Mamede Lobo Ferreira	
CURRÍCULO, FORMAÇÃO INTEGRAL & EDUCAÇÃO 3.0	27
Rubia Fonseca, Amâncio Carvalho, Joaquim Escola, Armando Loureiro	
FESTAS RELIGIOSAS E COGNIÇÃO POPULAR: UMA APROXIMAÇÃO À FESTA DO DIVINO EM ALCÂNTARA (BRASIL)	49
Susana Gastal, Cristiane Mesquita Gomes	
ENSINO SUPERIOR MILITAR E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DE COMANDO E LIDERANÇA	65
Victor Muirequetule, Joaquim Machado	
A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL NO SÉCULO XX: O DESAFIO DA APRENDIZAGEM NA DIVERSIDADE CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS XUKURU DO ORORUBÁ	83
Maria Gerlandia de Oliveira Aquino	
PROJETO INTEGRA-(TE): PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO NA EXPLORAÇÃO DE NOVOS DESAFIOS	105
Vitor Barrigão Gonçalves, Paula Marisa Fortunato Vaz	
EDUCATION AND COMMUNITY EMPOWERMENT IN THE CONTEXT OF ITALIAN MERIDIONALISM. DANILO DOLCI, A NONVIOLENT LEADER IN SICILY	115
Vincenzo Schirripa	
HÁ LUGAR PARA O ANTROPÓLOGO NOS PLANOS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL?	129
Henrique Luís Gomes de Araújo	
LITERACIA MUSICAL E APRENDIZAGEM SOCIAL: ESTUDO DE CASO	139
Zulmira Moreira Ramos	

ÁREA TEMÁTICA

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E PROJETOS DE MELHORIA

AÇÕES DE (AUTO)AVALIAÇÃO E SEUS EFEITOS PARA MELHORIA DA QUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR – UM ESTUDO DE CASO	154
Felipe André Angst, José Matias Alves	
A AUTOAVALIAÇÃO COMO PROCESSO DE MELHORIA: UM ESTUDO DE CASO	174
Carla Baptista, José Matias Alves	
AS PERCEÇÕES DOS DIRETORES DE TURMA SOBRE AS SUAS FUNÇÕES E PODERES	183
Sónia Mirela de Sousa, Joaquim Machado	
O PROJETO EDUCATIVO NA PROMOÇÃO DA FUNCIONALIDADE DA ESCOLA	192
Margarida Maria da Gama oliveira, Cristina Maria Gomes da Costa Palmeirão	
SEGURANÇA PSICOLÓGICA DAS EQUIPAS E COMPORTAMENTOS DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO EMPÍRICO EM ORGANIZAÇÕES ESCOLARES	219
Rui Lourenço-Gil, Ilídia Cabral, José Matias Alves	
ENVOLVIMENTO E PARTICIPAÇÃO NA CIDADANIA GLOBAL: REFLEXOS DA FORMAÇÃO	232
Ilda Freire Ribeiro, Sofia Bergano, Conceição Martins, Angelina Sanches, Elza Mesquita	
PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA: MELHORIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA?	251
Cleonice Halfeld Solano	
O CONTROLO DA QUALIDADE E A GARANTIA DA QUALIDADE EQAVET: DE QUE FALAMOS?	265
Laura Rocha, José Matias Alves	
CONSTRUCCIÓN DE UN MODELO DE ENSEÑANZA EFICAZ	282
Cynthia Matínez-Garrido	
AS LIDERANÇAS INTERMÉDIAS: QUE CONTRIBUTO PARA O (IN)SUCESSO DA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR?	295
Manuel Monteiro, José Matias Alves	
QUALIDADE NA EDUCAÇÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CORUMBÁ (MS) BRASIL	315
Marco António Oliva Monje	
UMA EXPERIÊNCIA DE IMPLEMENTAÇÃO DE MÉTODOS DE APRENDIZAGEM DINÂMICA E COOPERATIVA NO CONTEXTO DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA	333
Marco Cruzeiro	
O MAL-ESTAR DISCENTE NUMA ESCOLA DO OUTRO SÉCULO: OLHARES DE ALUNOS	353
Carla Baptista, José Matias Alves	

PERCEPÇÃO DA AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO HERMENÊUTICO	371
Leyani Ailin Chávez Noya de Oliveira, Wilson ProfirioNicaquela	

ÁREA TEMÁTICA

ALUNOS, PROFESSORES E POLÍTICAS DE INCLUSÃO NA ESCOLA

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA COM ALUNOS EM RISCO USANDO JOGOS DIGITAIS	405
Joaquim Sousa, António Andrade, Joaquim Machado	
AS ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR: A VOZ DOS ATORES	420
Maria Filomena Gonçalves Ferreira, Joaquim Machado	
PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO (PIEF): UMA MEDIDA ESCOLAR DE INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?	435
Darlíane Silva do Amaral	
A CANDIDATURA AO ENSINO SUPERIOR COMO ESTRATÉGIA DE DISTINÇÃO SIMBÓLICA: AS ESCOLHAS DOS ESTUDANTES DISTINGUIDOS POR MÉRITO ESCOLAR NO ENSINO SECUNDÁRIO	450
Germano Borges, Leonor Lima Torres	
PELOS 'JARDINS SECRETOS' DE DUAS ESCOLAS COM POPULAÇÕES ESTUDANTES SEMELHANTES, MAS COM RESULTADOS ACADÉMICOS DIFERENTES	468
Sílvia Amorim, Ilídia Cabral, José Matias Alves	
COMUNIDADE CIGANA CALON EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: CONFLITOS ÉTNICOS E SABERES PLURICULTURAIS	489
Lenilda damasceno Perpétuo, Erlando Silva Rêses	
DAS TENDÊNCIAS EUROPEIAS ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM PORTUGAL, COM TECNOLOGIAS EMERGENTES	506
Íris Daniela Bidarra, António Andrade	
OS ESPAÇOS EDUCATIVOS NAS ESCOLAS DO PROGRAMA DE MODERNIZAÇÃO DO PARQUE ESCOLAR DESTINADO AO ENSINO SECUNDÁRIO	523
Manuel Peniche Bertão, José Matias Alves	
O (IN)SUCESSO ESCOLAR NO PRIMEIRO ANO DO CURSO DE ENGENHARIA MECÂNICA	548
Samuel Helena Tumbula, Joaquim Azevedo	
PROMOVER O SUCESSO ESCOLAR ATRAVÉS DA LITERACIA: O EXEMPLO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CANGUÇU, NO RIO GRANDE DO SUL	566
Carla Alexandra do Espírito Santo Guerreiro, Geisa Portelinha Coelho	

AS FRONTEIRAS DA SALA DE AULA: CRUZAMENTOS CONSENTIDOS	577
Isabel Lage, José Matias Alves	
A TUTORIA ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS JOVENS: SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DE EVIDÊNCIAS	596
Sandra Mónica Dias Almeida, Cristina Palmeirão	
O IMPACTO DAS PROVAS EXTERNAS DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO, PARA ALÉM DOS NÚMEROS: RESULTADOS, REPRESENTAÇÕES E IMPACTOS PERCECIONADOS	620
Ana Vigário, Ilídia Cabral	
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA – EDIÇÃO DE 2014: QUE PRESSUPOSTOS DOS AUTORES E DECISORES CURRICULARES?	639
Francisco Guimarães, Maria do Céu Roldão	
ESTUDIO MULTINIVEL SOBRE EL IMPACTO DE LAS ESTRATEGIAS DE EVALUACIÓN EN EL AULA SOBRE EL RENDIMIENTO ACADÉMICO EN AMÉRICA LATINA	660
Cynthia Martínez Garrido	
O(S) EFEITO(S) DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA PROMOÇÃO DO SUCESSO DA APRENDIZAGEM NA LÍNGUA MATERNA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO	677
Maria Isolete Sousa, Daniela Gonçalves	
PROJETOS INTERDISCIPLINARES: UMA OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM CRÍTICA E CRIATIVA	694
Marina Pinto, Renata Leite, Daniela Gonçalves	
A INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DO ENSINO DAS CIÊNCIAS: UM ESTUDO CENTRADO NOS CURRÍCULOS BRASILEIRO E PORTUGUÊS	708
Micheli Bordoli Amestoy, Laurinda Leite, Luiz Caldeira Brant de Tolentino-Neto	
ÁREA TEMÁTICA	
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	
<hr/>	
A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO DOCENTE	731
Jane do Carmo Machado, Mary Rangel, Rui Neves	
A SUPERVISÃO PEDAGÓGICA E O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA	747
Carla Sofia Oliveira	
OS PROFESSORES E A COADJUVAÇÃO EM SALA DE AULA	768
Eulália Tadeu, Joaquim Machado	

A SUPERVISÃO COMO DISPOSITIVO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E TRANSFORMAÇÃO DE PRÁTICAS	786
Elza Mesquita, Maria do Céu Roldão	
AS NOVAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: UM PROCESSO EM PARTICIPAÇÃO	803
Amélia de Jesus Marchão, Hélder Henriques, Fernando Rebola	
ESTRATÉGIAS FORMATIVAS E IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL E PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS COM ENSINO PROFISSIONAL	824
Luísa Orvalho, José Matias Alves	
O MULTICULTURALISMO E A DOCÊNCIA NO CONTEXTO AMAZÔNICO: A ATUAÇÃO DO PROFESSOR ASSISTENTE NO CURSO DE PEDAGOGIA INTERCULTURAL	839
Sirley Marques da Silva	
FORMAÇÃO BIOÉTICA NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO: EVOLUÇÃO, SITUAÇÃO ATUAL E PERSPETIVAS	858
Sérgio Olim Gomes de Mendonça	
ÁREAS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA: PERSPETIVAS DOS EDUCADORES	881
Manuel Luís Castanheira, Carla alexandra do Espírito Santo Guerreiro	
O CONTRIBUTO DA SUPERVISÃO PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO DOCENTE ONLINE: REFLEXÕES TEÓRICAS	887
Susana Henriques, Maria Ivone Gaspar, Maria Lúcia Massano	
AS INCERTEZAS DA AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOCENTE...	899
Teresa Melo Gomes; Rosa Serradas Duarte	
POLÍTICA DE FORMAÇÃO DOCENTE: O PIBID COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CULTURAL	917
Cláudia Aleixo Alves	
A PROFISSIONALIDADE DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA DE QUALIDADE SOCIAL	931
Adriane de Lima Penteadó	
UM ESTUDO SOBRE AS DIMENSÕES DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO ADMINISTRADOR	948
Sefisa Bezerra, Elsa Morgado, Mário Cardoso, Levi Silva	
UM CURRÍCULO CONSTRUÍDO EM TORNO DO MAR: GÉNESE, DESENVOLVIMENTO E POTENCIALIDADES DE UM PROJETO	968
Paula Pinto, José Matias Alves	
PUBLIC EDUCATIONAL POLICIES FOCUSED ON GENDER IN BRAZIL: DILEMMAS AND CHALLENGE	968
Elisabete Corcetti, Maria das Dores Saraiva de Loreto	

QUANDO O PESQUISAR COLABORA PARA FORMAR: PROFESSORAS NAS OFICINAS DE APRENDIZAGEM DO FACEBOOK	1012
--	------

Joelci Mora Silva, Sônia da Cunha Urt

A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA PARA ATUAR NA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL	1025
--	------

Aldenor Batista da Silva Junior, Joelci Mora Silva, Soraya Vital, Sônia da Cunha Urt

ÁREA TEMÁTICA

ESCOLA, TERRITÓRIO E MUNDO DO TRABALHO

ESCOLARIZAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO	1047
--	------

Milena Pimenta de Souza

OS MUNICÍPIOS E A DESCENTRALIZAÇÃO EDUCATIVA: RETÓRICA E AÇÃO	1059
--	------

Joana Leite, Joaquim Machado

A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL IMPLEMENTADA COM O PRONATEC E A SUA VINCULAÇÃO COM O MUNDO DO TRABALHO	1068
---	------

Danilma de Medeiros Silva, Dante Henrique Moura

ESCOLA PRIMÁRIA SUPERIOR DO FUNCHAL (1919-1926)	1085
--	------

Filomena Lume

OS CURSOS PROFISSIONAIS EM PORTUGAL, 2005-2016: UMA ABORDAGEM EXPLORATÓRIA DE AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS	1098
--	------

Danilma de Medeiros Silva

PROJETO EDUCATIVO MUNICIPAL: DA RETÓRICA ÀS (PERCEÇÕES SOBRE AS) PRÁTICAS – UM ESTUDO DE CASO	1112
--	------

Maria Teresa Mateus Pires, Ilídia Cabral

A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL: O SENTIDO E O SIGNIFICADO DA LEITURA NA VOZ DOS LEITORES	1134
--	------

Célia Beatriz Piatti, Sônia da Cunha Urt, Joelci Mora Silva

POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS EM DESENVOLVIMENTO PERCEBIDAS NA COMPLEXIDADE DO GLOCAL	1151
--	------

Carolina Mendes, José Matias Alves, Paulo de Carvalho

SEGURANÇA PSICOLÓGICA DAS EQUIPAS E COMPORTAMENTOS DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO EMPÍRICO EM ORGANIZAÇÕES ESCOLARES

Rui Lourenço-Gil

Católica Porto Business School, Centro de Estudos de Desenvolvimento Humano,
Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal, rlourenco@porto.ucp.pt

Ilidia Cabral

Faculdade de Educação e Psicologia, Centro de Estudos de Desenvolvimento Humano
Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal

José Matias Alves

Faculdade de Educação e Psicologia, Centro de Estudos de Desenvolvimento Humano
Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal

Resumo

A segurança psicológica é um fator chave para a aprendizagem e o desempenho das equipas (Edmondson & Lei, 2014; Duhigg, 2016). As escolas são organizações extensamente baseadas em equipas. Os comportamentos de aprendizagem em equipa são cruciais para o seu desempenho. Neste domínio é escassa a investigação em organizações escolares.

Testamos um modelo em que os comportamentos de aprendizagem em equipa (Savelsberg, van der Heijden & Poell, 2009; Dimas, Alves, Lourenço & Rebelo, 2016) são explicados pela sua segurança psicológica (Edmondson, 1999) através

do efeito mediador da orientação cultural para a aprendizagem em grupo (Rebelo & Gomes, 2011), sendo o efeito da segurança psicológica sobre a orientação cultural para a aprendizagem em grupo moderado pela força do clima de segurança psicológica (Koopmann et al., 2016).

Inquirimos 299 indivíduos, de 47 equipas/grupos, de dois agrupamentos escolares da área metropolitana do Porto. Verifica-se por regressão linear que os comportamentos de aprendizagem em equipa são explicados pela segurança psicológica através do efeito mediador da orientação cultural para a aprendizagem em grupo quando as equipas apresentam forte força de clima de segurança psicológica.

Os resultados corroboram estudos em organizações não escolares e recomenda que se aprofundem os antecedentes da segurança psicológica nas organizações escolares.

Palavras-chave: segurança psicológica; aprendizagem em equipa; escolas.

Abstract

Psychological safety is a key factor for team learning and performance (Edmondson & Lei, 2014; Duhigg, 2016). Schools are largely team-based organizations. Team learning behaviours are crucial to their performance. Research in school organizations is scarce in this area.

We test a model in which team learning behaviours (Savelsberg, van der Heijden & Poell, 2009; Dimas, Alves, Lourenço & Rebelo, 2016) are explained by their psychological safety (Edmondson, 1999) for group learning (Rebelo & Gomes, 2011). The effect of psychological safety on cultural orientation for group learning is moderated by the strength of the psychological safety climate (Koopmann et al., 2016).

We surveyed 299 individuals, from 47 teams / groups, from two school groups in the metropolitan area of Porto. It is verified by linear regression that the learning behaviours in team are explained by the psychological safety through the mediating effect of the cultural orientation to the group learning when the teams present strong strength of psychological safety climate.

The results corroborate studies in non-school organizations and recommend that the background of psychological safety in school organizations be deepened.

Keywords: psychological safety; team learning; schools.

1. Introdução

A literatura (Edmondson & Lei, 2014) sugere que a segurança psicológica é um fator chave para a aprendizagem em equipa e o seu desempenho, disto há extensa evidência em organizações não escolares. Trabalho realizado na Google sugere que a segurança psicológica tem lugar de destaque para a efetividade das equipas e permite diferenciar as melhores (Duhigg, 2016).

Sucedem que as escolas são organizações extensamente baseadas em equipas, nos agrupamentos escolares, sem esgotar, temos a considerar: os conselhos geral, administrativo e pedagógico; a equipa executiva do diretor; as equipas de apoio ao diretor; os departamentos e subgrupos disciplinares; os conselhos de turma e de diretores de turma.

A resolução dos problemas que afetam as escolas justificadamente requer reflexividade¹ e aprendizagem nos grupos/equipas² formais escolares. No âmbito dos quadros normativos que regimentam as organizações escolares públicas portuguesas os seus atores dispõem de margens de liberdade organizativa para exercerem reflexividade e aprendizagem em equipa.

A aprendizagem em equipa é a diligência colaborativa dos seus membros para em grupo combinarem competências para alcançarem resultados comuns através de partilha e cogeração de conhecimento por via de diálogo, discussão, controvérsia, rotinas defensivas e práticas grupais (e.g., experimentação). Acontece que nas escolas a aprendizagem em equipa é importante para, entre outras atividades: gerir conteúdos curriculares; agrupar os alunos para adequar currículos; ponderar modos de participação comunitária; debater e deliberar iniciativas para representação coletiva; apreciar e partilhar boas práticas; concertar lógicas de serviço e de responsabilização.

Importa salientar que a aprendizagem em equipa é um espaço social que estabelece dinâmica de cultura interativa e dá lugar à construção de autoridade colegial. Acresce que a organização escolar baseada em 'equipas educativas' (p. e., Modelo MIPSE; Cabral & Alves, 2016) acentua a dependência das competências de aprendizagem em equipa e dos fatores que a facilitam.

Porém, há evidência empírica, também expressa na literatura, de que a

¹ A reflexividade em equipa é o processo deliberado de os seus membros discutirem sobre os objetivos, processos e resultados da equipa (Schippers, Edmondson & West, 2014).

² Os conceitos de grupo e de equipa, sendo discrimináveis, são tratados indistintamente à semelhança do que vem sendo prática na literatura especializada.

reflexividade e a aprendizagem em grupos/equipas formais escolares é em muitos casos escassa e/ou de fraca qualidade, para o que concorre a colegialidade forçada e a forte cultura de fragmentação em endogrupos.

Contudo, é escassa a investigação realizada em organizações escolares sobre reflexividade e aprendizagem em equipa nos grupos formais escolares, particularmente no sistema de ensino português. É necessário produzir conhecimento para perceber porque é que as escolas contrariam a expectativa óbvia de se comportarem como ‘organizações aprendentes’ de excelência. Assim, importa investigar os antecedentes dos comportamentos de aprendizagem em equipa nas escolas portuguesas, nos quais se destaca a segurança psicológica, dado estes serem cruciais para o desempenho destas instituições por via dos grupos de trabalho de que funcionalmente dependem.

O nosso estudo testa um modelo em que os comportamentos de aprendizagem em equipa (Savelsberg, van der Heijden & Poell, 2009; Dimas, Alves, Lourenço & Rebelo, 2016) são explicados pela segurança psicológica das equipas (Edmondson, 1999) através do efeito mediador da orientação cultural para a aprendizagem em grupo (Rebelo & Gomes, 2011), sendo o efeito da segurança psicológica sobre a orientação cultural para a aprendizagem em grupo moderado pela força do clima de segurança psicológica (Koopmann et al., 2016).

Foram inquiridos 299 indivíduos operando em 47 equipas/grupos de dois agrupamentos escolares da área metropolitana do Porto. Os dados individuais foram agregados ao nível da equipa. A análise das médias não discrimina os agrupamentos. Feita uma regressão linear verifica-se que os comportamentos de aprendizagem em equipa são explicados pela segurança psicológica através do efeito mediador da orientação cultural para a aprendizagem em grupo quando as equipas apresentam forte força de clima de segurança psicológica.

O estudo corrobora os resultados obtidos em organizações não escolares sobre a importância da segurança psicológica para os comportamentos de aprendizagem em equipa e recomenda que se aprofundem os antecedentes da segurança psicológica nas organizações escolares.

2. Objeto de Estudo

O objeto geral do estudo são os antecedentes dos comportamentos de aprendizagem em equipa, especificamente a segurança psicológica. A pesquisa consistiu em testar um modelo no qual a segurança psicológica e a orientação cultural para a aprendizagem em grupo predizem os comportamentos de aprendizagem em equipa. Neste quadro consideramos os seguintes conceitos:

- . ‘Comportamentos de aprendizagem em equipa’ (CAE). São processos associados à produção de cognições/ conhecimentos partilhados entre os membros da equipa, sobre si, as suas tarefas, recursos e contexto que procede por ação conjunta através dos comportamentos de questionar, procurar *feedback*, experimentar, debater resultados, imprevistos e erros relativos a ocorrências e/ou a decisões ou ações tomadas (Edmondson, 1999).
- . ‘Orientação cultural para a aprendizagem em grupo’ (OCAE). Forma própria ou singular dos membros de um grupo/equipa assumirem cognições partilhadas que orientam os seus comportamentos para a promoção, a facilitação, a partilha e a difusão de aprendizagens individuais, com o significado de assim contribuir para o desenvolvimento e sucesso do coletivo a que pertencem (Dimas, Alves, Lourenço & Rebelo, 2016).
- . ‘Segurança psicológica’ (SP). Perceção das pessoas que descreve as consequências de correr riscos num contexto particular como, por exemplo, o espaço de trabalho (Edmondson & Lei, 2014).
- . ‘Força da segurança psicológica’, ou força do clima de SP, (F_SP). Dispersão intragrupal da segurança psicológica, ou seja, depende da variância da segurança psicológica dentro da equipa.

Enunciado do modelo teórico: os CAE (comportamentos de aprendizagem em equipa) são explicados pela SP (segurança psicológica) através do efeito mediador da OCAE (orientação cultural para a aprendizagem em equipa), sendo o efeito da SP sobre a OCAE moderado pela F_SP (força da segurança psicológica). Neste quadro, levantou-se a questão de saber em que medida este modelo colhe evidência empírica (ver Figura 1).

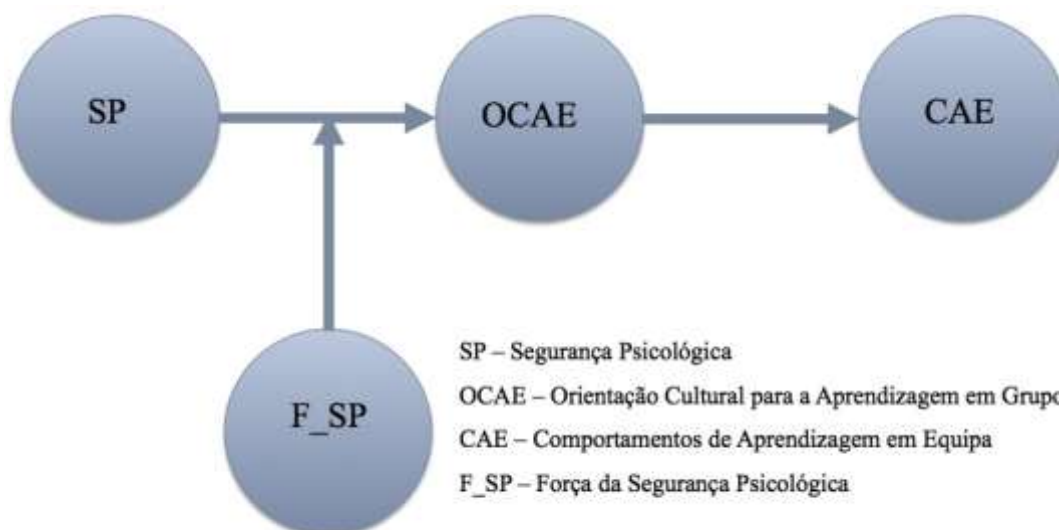


Figura 1. O modelo teórico alvo de estudo.

3. Metodologia

A circunscrição do espaço amostral considerou: agrupamentos escolares com expectável diversidade de funcionamento dos grupos/equipas escolares, a estabilidade da constituição dos grupos/equipas alvo, e a receptividade ao estudo das direções dos agrupamentos. O estudo decorreu em dois agrupamentos escolares da área metropolitana do Porto que servem população maioritariamente das classes média e alta. A recolha de dados decorreu durante o primeiro e o segundo semestres do ano letivo de 2016-2017. Os grupos formais escolares alvo do estudo compreendem: conselho geral, direção, conselho administrativo, equipas de apoio à direção, conselho pedagógico, e os subgrupos disciplinares. A dimensão da amostra é de 47 grupos/equipas, com 299 sujeitos participantes que correspondem a 79,9% da dotação efetiva. A dimensão dos grupos varia entre 3 e 17 membros, sendo a média por grupo de 6,4 pessoas. Dada a dimensão real dos grupos/equipas consideraram-se grupos de 3 elementos, sendo que estes correspondem a 23,4% da amostra.

Assumiram-se como variáveis de controlo o agrupamento e o tipo de grupo/equipa, e estudaram-se nove variáveis associadas a quatro medidas, nomeadamente sobre:

- . Comportamentos de aprendizagem em grupo: a exploração e construção do significado; a gestão dos erros; a reflexão coletiva; a procura de *feedback*; e a experimentação.

- . Orientação cultural para a aprendizagem em equipa: a integração interna, os processos grupais de comunicação e liderança; e a adaptação externa, a orientação do grupo para o exterior e a sua capacidade de responder a solicitações.
- . Segurança psicológica em equipa.
- . Força da segurança psicológica, variável dicotómica medida pela variância da segurança psicológica dentro do grupo: força fraca se variância alta; e força forte se variância baixa.

Os dados foram obtidos através de três instrumentos de medida, com recurso a uma escala do tipo Likert de seis posições simetricamente definidas (discordo totalmente/ discordo bastante/ discordo/ concordo/ concordo bastante/ concordo totalmente), a saber:

- . Para estudar a perceção dos comportamentos de aprendizagem em grupo/equipa, a escala de comportamento de aprendizagem em grupo, com 25 itens correspondentes a cinco dimensões, desenvolvida por Savelbergh e colaboradores em 2009, e adaptada em 2015 ao português por Pinheiro e Melo (Dimas, Alves, Lourenço & Rebelo, 2016).
- . Para estudar a perceção das orientações para aprender em grupo/equipa, a escala de orientação cultural para a aprendizagem em grupo, com 20 itens correspondentes a duas dimensões, desenvolvida por Rebelo em 2001, e adaptada a grupos em 2008 por Bastos e por Carvalho (*idem*).
- . Para estudar a perceção da facilitação do contexto, a escala de segurança psicológica, com 7 itens correspondentes a uma dimensão, desenvolvida por Edmondson em 1999, e adaptada em 2016 ao português por Rego e colaboradores.

O constrangimento operacional de não poder proceder à aplicação sucessiva, temporalmente desfasada, dos instrumentos de medida obrigou à sua inclusão num questionário. O planeamento da passagem do questionário foi concertado com as direcções dos agrupamentos, privilegiando-se a abertura das reuniões de trabalho dos grupos alvo estudo. Procedeu-se a passagem presencial e a recolha

imediate. Foram dadas garantias de devolução dos resultados apenas agregados por agrupamento escolar, de anonimato de resposta, e de possibilidade incondicional de subtração de dados pessoais através de código secreto.

A análise estatística foi realizada com recurso ao SPSS e compreendeu os seguintes cálculos: coeficiente *alfa* de Cronbach para verificar a consistência interna das escalas de medida; coeficiente *r* de Pearson para identificar as correlações entre a segurança psicológica e os comportamentos de aprendizagem em equipa (SP-CAE), da segurança psicológica e da orientação cultural para a aprendizagem em equipa (SP-OCAE), e da orientação cultural para a aprendizagem em equipa e os comportamentos de aprendizagem em equipa (OCAE-CAE); médias e desvios padrão das variáveis por grupo; força da segurança psicológica (F_SP) através da bipartição dos valores da variância a partir da mediana (força fraca se variância alta/ força forte se variância baixa); e regressão linear entre as variáveis para verificar o valor condicional do efeito entre as variáveis (CAE-OCAE-SP-F_DP-SP*F_SP; ver Figura 2). Dada a exposição à variação do método comum que inflaciona os resultados estatísticos, resultante da passagem em simultânea das três escalas aos mesmos sujeitos, para verificar a consistência dos resultados através de dados apurados para sujeitos diferentes, procedeu-se ainda à partição aleatória da amostra em duas subamostras (Sa.1 e Sa.2), mais subamostras era inaceitável dado o elevado número de grupos só com três elementos.

4. Resultados

A consistência interna dos três instrumentos de medida é forte (segurança psicológica, *alfa* = 0,81; orientação cultural para a aprendizagem em equipa, *alfa* = 0,92; e comportamentos de aprendizagem em equipa, *alfa* = 0,98). O menor valor relativo encontrado para a segurança psicológica é esperado por se tratar de uma escala unidimensional.

Todas as correlações são fortes, nomeadamente entre: a segurança psicológica e os comportamentos de aprendizagem (SP-CAE, *r* = 0,80); a segurança psicológica e a orientação cultural para a aprendizagem em equipa (SP-OCAE, *r* = 0,73); e a orientação cultural para a aprendizagem em equipa e os comportamentos de aprendizagem em equipa (OCAE-CAE, *r* = 0,80). Contudo, a passagem simultânea

dos instrumentos de medida associa-se a um viés estatístico que inflaciona o valor das correlações – a exposição à variação do método comum –, assim, não se pode confiar nestas correlações e houve que verificar na análise do modelo empírico se as relações entre as variáveis se mantêm considerando as subamostras (ver abaixo).

A média da distribuição dos desvio padrão por grupo/equipa (DP_SP) é substancial pois corresponde a $\pm 30\%$ do valor máximo do DP. Diversidade esta que é importante para se poderem tirar conclusões. A tabela abaixo identifica as médias e os desvios padrão das distribuições dos resultados por grupo referentes: à sua média de segurança psicológica, aos seus desvios padrão, à sua média de orientação cultural para a aprendizagem em equipa, e da sua média de comportamentos de aprendizagem em equipa (ver Tabela 1).

	\bar{x}	DP
SP média	4,63	0,44
DP_SP	0,68	0,27
OCAE média	4,73	0,39
CAE média	4,46	0,50

Tabela 1. Médias e desvios padrão.

No teste do modelo empírico, dada a exposição dos dados à variação do método comum, para verificar a relação entre as variáveis procedeu-se ao cálculo dos coeficientes de regressão linear considerando, por grupo, os dados sobre segurança psicológica e comportamentos de aprendizagem em equipa procedentes de uma subamostra (Sa.1) com os dados sobre orientação cultural para aprendizagem em equipa procedentes da outra subamostra (Sa.2). Neste procedimento o coeficiente de regressão é calculado para a variável moderadora da relação entre SP e OCAE (F_SP, força da segurança psicológica) e para o produto entre as variáveis ‘segurança psicológica’ e ‘força da segurança psicológica’ (SP*F_SP), sendo este último o que importa considerar (ver Figura 2).

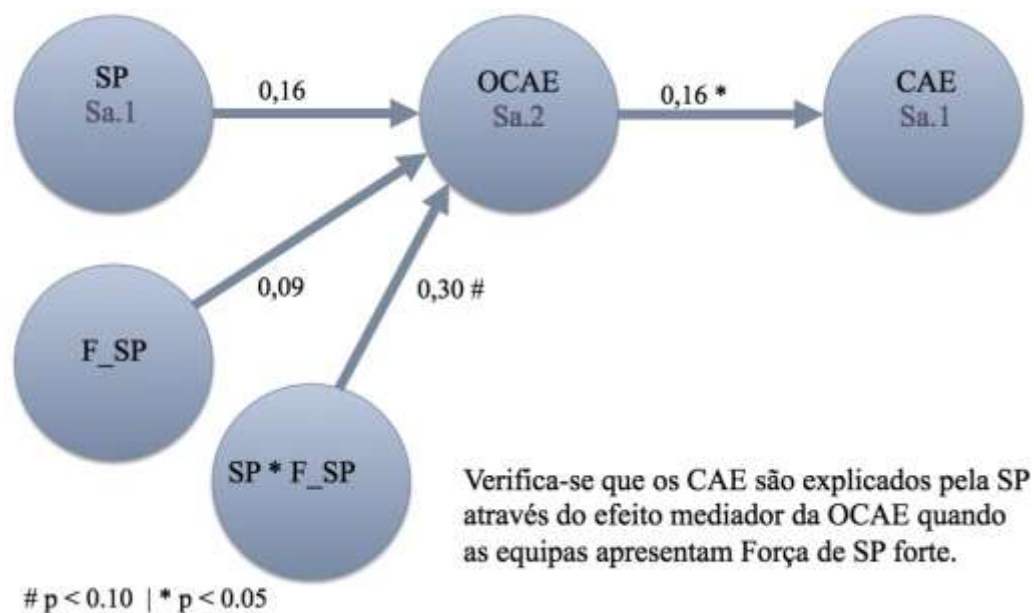


Figura 2. O modelo empírico.

Conforme ao esperado, os valores baixam necessariamente muito ao comparar resultados entre amostras diferentes. Não obstante, no domínio do Comportamento Organizacional um coeficiente de regressão de 0,16 com um nível de significância estatística de $p < 0,05$ entre os comportamentos de aprendizagem em equipa e a orientação cultural para aprendizagem em equipa (CAE e OCAE), não sendo um valor forte, traduz uma relação consistente. Já é alto o valor do coeficiente de regressão de 0,30 entre a orientação cultural para aprendizagem em equipa e o produto entre as variáveis segurança psicológica e força da segurança psicológica (OCAE e SP*F_SP), porém o nível de significância é fraco $p < 0,10$. Dado o procedimento de bipartição da amostra, é plausível que tal se deva ao número reduzido de grupos ($n = 47$) e a muitas equipas terem apenas três elementos (23,4%).

Com estas salvaguardas, o modelo empírico que se obteve permite sustentar que os ‘comportamentos de aprendizagem em equipa’ são explicados pela ‘segurança psicológica’ através do efeito moderador da ‘orientação cultural para aprendizagem em equipa’ quando, e apenas quando, as equipas apresentam ‘forte força de segurança psicológica’, ou seja, quando a variância da segurança psicológica entre os membros da equipa é baixa, ou, dito ainda de outro modo, quando a equipa apresenta clima de segurança psicológica.

O efeito da segurança psicológica (SP) sobre a orientação cultural para a aprendizagem em equipa (OCAE) é posto em evidência através da sua representação gráfica que permite observar ser o efeito tanto maior quanto mais forte for a força da segurança psicológica, isto é, quanto mais baixo for o valor do desvio padrão da segurança psicológica dentro do grupo/equipa. Não obstante a ocorrência desta relação ser esperada em 23% dos casos ($R^2 = 0,23$), ela é um valor bom no domínio do Comportamento Organizacional (ver Gráfico 1).

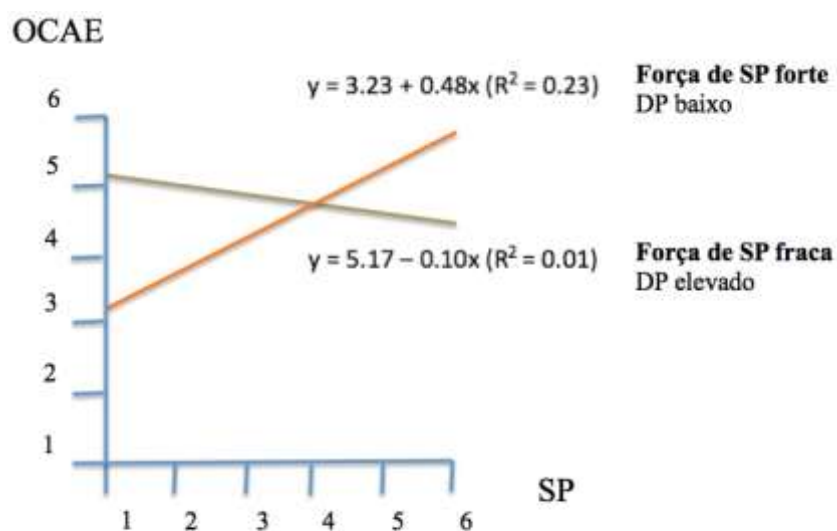


Gráfico 1. Relação entre a segurança psicológica (SP) e a orientação cultural para a aprendizagem em equipa (OCAE).

5. Considerações Finais

Apesar de não ser operacionalmente ágil ao utilizarem-se diversos instrumentos de medida, em futuros estudos, para evitar a exposição à variação do método comum, devem-se passar as escalas em momentos diferentes, ou aplicá-las a diferentes amostras. Mais exequível nos parece ampliar o tamanho e diversificar mais a amostra, pelo que em futuros estudos devem-se obter mais grupos abrangendo mais agrupamentos que ampliem a heterogeneidade socioeconómica.

O nosso estudo corrobora resultados obtidos em organizações não escolares ao salientar a importância da segurança psicológica das equipas para os

comportamentos de aprendizagem em equipa. O estudo recomenda que se aprofundem os antecedentes da segurança psicológica nas organizações escolares, bem como o que possa influir na capitalização dos comportamentos de aprendizagem em equipa para as escolas, merecendo destaque:

Os fatores contextuais que influem na segurança psicológica das equipas.

A influência das lideranças de topo e intermédias na segurança psicológica, na orientação cultural para aprendizagem em equipa, e nos comportamentos de aprendizagem em equipa.

Os fatores e os processos que contam para a repercussão das aprendizagens em equipa nas aprendizagens de uma comunidade profissional de aprendizagem.

A matéria estudada é importante e premente para a superação dos problemas que no presente afrontam as escolas posto que a orientação de se evoluir para uma organização escolar baseada em equipas educativas acentua fortemente a dependência das competências de aprendizagem em equipa e das condições contextuais que facilitam e promovem o seu exercício.

6. Referências bibliográficas

- Cabral, I., Alves, J.M. (2016). Um modelo integrado de promoção do sucesso escolar (MIPSE): A voz dos alunos. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 16, 81-113.
- Dimas, I., Alves, M., Lourenço, P., Rebelo, T. (2016). *Equipas de trabalho: Instrumentos de avaliação*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Duhigg, Ch. (2016). What google learned from its quest to build the perfect team. *The New York Times Magazine*, Feb. 25 (<http://athena.ecs.csus.edu/~buckley/CSc238/What%20Google%20Learned%20From%20Its%20Quest%20to%20Build%20the%20Perfect%20Team.pdf>), abril 2017.
- Edmondson, A. (1999). Psychological safety and learning behavior in work teams. *Administrative Science Quarterly*, 44(2), 350-383.
- Edmondson, A., Lei, Z. (2014). Psychological safety: The history, renaissance, and future of an interpersonal construct. *Annual Review of Organizational Psychology*, 1, 23-43.
- Koopmann, J., Lanaj, K. Wang, M. Ahou, L., Shi, J. (2016). Nonlinear effects of team tenure on team psychological safety climate and climate strength: Implications for average

team member performance. *Journal of Applied Psychology*, 101(7), 940-957.

Savelbergh, C., van der Heijden, B., Poell, R. (2009). The development and empirical validation of a multidimensional measurement instrument for team learning behaviors. *Small Group Research*, 40, 578-607.

Schippers, M., Edmondson, A., West, M. (2014). Team reflexivity as an antidote to team information-processing failures. *Small Group Research*, 45(6) 731-769.